

EXPRESSÕES DA NEGRITUDE NA POLÍTICA, NA POÉTICA, NAS ARTES

Boubacar Barry*

*Entrevista a Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha,
Salloma Salomão Jovino da Silva**
e Maria Antonieta Antonacci****

*Tradução e transcrição: Fily Kanute
Edição: Maria Antonieta Antonacci*

Em setembro de 2002, aproveitando a presença do Professor Dr. Boubacar Barry, da Universidade Cheikh Anta Diop (Dacar), um dos maiores historiadores da África contemporânea, como professor visitante no departamento de História da Unicamp, os departamentos de História da USP e da PUC-SP convidaram-no para usufruir de sua presença e disponibilidade para palestras, reuniões e conversas, abrindo diálogos e possíveis intercâmbios entre nossas pesquisas e interesses.

Boubacar Barry, da segunda geração da Escola de Dacar, criou, com outros historiadores de Abidjan, Camarões e, principalmente, do Zaire, a primeira Associação Panafricana de Historiadores (1972), com o objetivo de descolonizar a História da África, alavancando “tomada de consciência nacional para realização da unidade africana”, conforme historiadores como Mohamed Sahli e Ki-Zerbo. Suas primeiras discussões apareceram na revista *Afrika Zamani* (1975), publicação da associação.

Reunidos no sábado, dia 21 de setembro, com o Prof. Barry e sua esposa Aída, para conversar, tocar tambor e almoçar, informalmente falamos um pouco sobre política, tradições de oralidade, música, estética africanas. No início, Salloma desafiou Prof. Barry para uma *peleja* musical, em que tocaram percussão e cantaram, estimulando a memória ao ritmo de tambores que preservam e desencadeiam reatualizações passado/presente, em expressões de vivências renovadas na dinâmica da memória.

Salloma: *Durante sua palestra na USP, sobre "História e percepção dos problemas da integração africana nos séculos XIX e XX", foi-lhe perguntado se, em certa medida, o Sr. reatualiza o pensamento de Senghor, considerando a questão da negritude, sobretudo por que a questão da identidade para os afro-americanos ainda reveste-se de grande importância.*

Antonietta: *Já que Salloma trouxe Leopoldo Senghor para o debate, gostaria de perguntar como o poeta Senghor relacionou-se com as tradições de oralidade do Senegal, já que, além de político da africanização e intelectual de destaque da negritude, também ficou reconhecido como grande poeta, valendo-se da poética para evidenciar concepções de mundo, sabedoria e estética africanas?*

Prof. Barry: Senghor é extremamente importante para a África e os africanos da diáspora, já que acompanhou o século todo, praticamente do início ao fim e viu de perto todo o fenômeno colonial e de descolonização, além do fenômeno de construção do Estado-Nação, estando a cavalo sobre estes três movimentos. É tão mais importante, sobretudo porque, enquanto ideólogo da negritude, também foi um político e há uma interação entre as posições políticas de Senghor e suas posições intelectuais como defensor da negritude. Ao longo da história, também mudou suas posições ideológicas e intelectuais em função das necessidades do homem político que foi-se tornando, tendo sido o primeiro presidente da República do Senegal. Tornou-se, portanto, um homem muito complexo e é preciso avaliar suas posições políticas correspondentes a cada um dos períodos, para perceber se houve sintonia entre as duas visões. É o que faz a complexidade do homem e também a sua riqueza.

Penso que se analisarmos do início, o movimento da negritude foi um ato político e cultural muito importante para afirmar que os negros tinham uma civilização própria, que nada tinha a dever às civilizações européias que haviam dominado o continente naquela época. Por essa razão, o encontro entre Senghor e Aimé Césaire (Martinica) evidencia nitidamente essa dupla vontade dos africanos da África negra colonizada e dos africanos da diáspora, que tinham sofrido o racismo da escravidão, de afirmar como é importante ser negro, portador de culturas em tensão.

Esse encontro com Césaire ocorreu em Paris, nos anos 30, e a negritude ganhou mais destaque com o prefácio de Jean Paul Sartre, em *O Orfeu negro*. Logo em seguida, Senghor tornou-se um político no âmbito do sistema colonial e teve posições de compromisso com o poder político para uma evolução progressiva da África para a sua independência, sua autonomia.

Como em França, Senghor acreditou profundamente nas virtudes dos ideais de liberdade, igualdade, fraternidade, que a Revolução Francesa impôs à França. Acreditava que

esses elementos iam abarcar os indígenas, isto é, os africanos colonizados. Daí expressar uma visão progressiva dessa evolução no âmbito do Império Colonial Francês, em que os franceses da África Negra e os franceses da França seriam iguais.

A terceira etapa, da independência, também foi muito importante, já que Senghor votou *sim* no referendo de 1958 – ao contrário de Sékou Touré, que disse *não* ao referendo, preferindo a independência total –, por acreditar na comunidade franco-africana. A partir desse momento, Senghor foi combatido pela ala esquerda da *intelligentsia* africana no Senegal e no resto da África, como Cheikh Anta Diop, Abdoulaye Ly, que disseram *não* ao referendo de 1958. Foi o início de uma forma de reajuste da negritude, em que Senghor tentou introduzir a noção de francofonia, isto é, o uso do francês em comum com a França e todas as colônias que falavam francês e, posteriormente, a civilização do universal.

Assim sendo, foram três etapas que mostraram nitidamente uma evolução do pensamento de Senghor, no sentido de uma inserção em corrente universalista que privilegia a mestiçagem, a mestiçagem cultural. Isso coincidiu, também, com o momento em que Senghor foi criticado dentro do Senegal, pela elite de esquerda, que o acusava por seu compromisso, no plano político e econômico, com o poder colonial francês. Foi nessas condições, não tendo resolvido os problemas econômicos do Senegal, que Senghor foi mais ou menos levado, sob a pressão das oposições dentro do país, a abandonar o poder em 1980, no momento em que o Banco Mundial começara a impor políticas de ajustes estruturais. Uma vez que não conseguira resolver os problemas pontuais do país, teve bastante bom senso para deixar o governo.

Mas, entretanto, enquanto presidente da República do Senegal, foi como um Ministro da Cultura do Senegal, além de Ministro da Educação. Organizou o Festival International des Arts Nègres, em 1965, quando convidou todos os países africanos de Estados independentes, como Nigéria, Gana, Etiópia e os africanos da diáspora para mostrarem ao mundo os valores da civilização negra no teatro, arte, poesia, música, vindo a ser uma verdadeira celebração para o mundo negro, já que a gente da diáspora veio maciçamente. Inclusive brasileiros vieram para esse festival (Edison Carneiro foi o representante oficial do Brasil) e foi uma volta às raízes, a primeira a ser celebrada. Participei das atividades deste encontro e ainda tenho fotos do Festival. Foi a primeira vez que ouvi, ao mesmo tempo, no mesmo recinto, na Assembléia Nacional, Aimé Césaire e André Malraux, então Ministro da Cultura da França, e confesso que ainda guardo lembranças inesquecíveis desse momento. Também acompanhei a exposição de artes africanas, que foi realizada no novo Musée Dynamique, recém-criado por Senghor para celebrar a arte africana e foi quando vi a verdadeira beleza das máscaras africanas.

Como presidente, ainda desenvolveu atividades dramáticas, pois construiu o Théâtre National Daniel Sorano, onde foram apresentadas peças históricas sobre Alboury Ndiaye, Lat Dior, entre outros resistentes à conquista colonial, assim como a peça de Aimé Césaire, *La Tragédie du Roi Christophe*. Eu me lembro de que o ator senegalês que protagonizou a peça, Duta Seck, encarnou tão bem o personagem, que morreu com ele, isto é, viveu toda a vida com esse personagem até a sua morte; o Rei Christophe nunca mais o abandonou, até a morte. Algo fantástico.

Para resumir, Senghor foi um homem extremamente complexo e difícil de avaliar, já que nossa geração, dos anos 1970, julgou-o mais por causa de sua política, muito neocolonial, muito submissa aos interesses da França, razão pela qual não gostamos do poeta, ou melhor, não o descobrimos, com exceção de alguns poemas muito famosos como *Femme Noire*, que todo mundo conhece. Quero dizer que nós não estudamos Senghor; de modo que foi necessário sua saída do poder e sobretudo sua morte para que as pessoas redescubram a sua poesia, que é por sinal muito bonita. Foi um grande poeta, que mereceu seu lugar na Academia Francesa de Letras. Mas, por outro lado, por causa de sua política neocolonial e, sobretudo, por causa das limitações à democracia que ele impôs, aquela geração não podia apreciar efetivamente o homem Senghor.

Mas confesso que era um homem de visão e, quando vi a arquitetura da Embaixada do Senegal em Brasília, não pude deixar de ter um pensamento para ele e sua visão de ter desejado cuidar da África, da imagem da África e da diáspora. E melhor, muitos poetas e escritores haitianos, que vieram ao Festival des Arts Nègres, em 1965, em Dacar, ficaram por lá e muitos ainda lá estão; é o caso de Lemoine, entre outros, que ajudaram a tocar o Théâtre National Daniel Sorano e vivem em Dacar. Sua esposa (de Lemoine) teve a felicidade de trazer a mãe, de 102 anos, para falecer em terras senegalesas da África, uma imagem muitíssimo importante, esse laço entre a África e as Américas.

Acho que houve pergunta a respeito da relação entre a tradição oral e a negritude. Creio que Senghor engrandeceu a literatura africana com o ritmo africano e, em muitos de seus poemas, esse ritmo se encontra. Ele usa às vezes palavras das línguas sereer e wolof, em sua poesia francesa, e, portanto, ele compreendeu o poder mágico dos contos, da poesia africana. Ele é autor, com Abdoulaye Sadjí, da famosa obra de contos, *Leuk, le Lièvre*, que foi lida por todos os alunos africanos e que se tornou um breviário. Portanto, vê-se que a relação é muito clara. Mas Senghor não era historiador e não podemos cobrar dele o fato de ter uma visão da África pela etnologia colonial e não entender a importância, tanto da história, como das línguas africanas, no ensino. Ele militou, aparentemente, pela francofonia, o que permanece um grande problema hoje em dia.

Marcelo: *O senhor falou da realização do Festival des Arts Nègres e quero perguntar se, hoje, na nova historiografia africana, há um uso da produção artística tradicional para a construção e para a compreensão da história africana. A produção artística é usada, hoje em dia, com esse sentido?*

Prof. Barry: De fato, tudo depende das regiões às quais aludimos, já que a África é vasta. Refiro-me, por exemplo, à África Ocidental, particularmente à África da Savana, que se tornou muçulmana desde os séculos. XV-XVI e onde encontram-se Estados teocráticos, com uma ideologia muçulmana. Há um “contravalor” muçulmano, nesse sentido, que faz com que as artes africanas não sejam valorizadas. Mas quando se vai a outras regiões, como na Costa do Marfim, em Gana, na Nigéria, que são os berços da arte africana, conservada nas tradições atuais, é certo que a arte é muito importante e está no centro da vida, o que faz com que haja um tipo de abordagem da história através da arte. Quando, hoje em dia, vai-se ao Palácio de Abomey, pode-se ler a história pelos murais, inscrições, desenhos de reis e pinturas que foram feitas segundo regras que permitem leituras da história a partir da arte. Mas não há nada sistemático, o que significa dizer que ainda não serve, efetivamente, para o ensino da história, mas trata-se de uma lacuna que deverá ser preenchida dentro em breve.

Antonieta: *Quando, ontem, o Sr. falou sobre a Senegâmbia, apontando que há uma cultura da intelectualidade em justaposição a culturas populares, lembrei do que li em seu texto Senegâmbia: o desafio da História Regional, onde escreve que a crise do Estado pós-colonial, no Senegal, advém de seu não reconhecimento pela população, pois é um Estado em que a vida política e intelectual difere em muito da vida cultural da população senegalesa. E, diante dessa elite estatal, a população, que vive “em diversas velocidades”, trabalha suas identidades mais próximas na música de Youssou N’Dour, do que nas ações do governo do Estado. Poderia falar um pouco mais dessa música no Senegal, sua importância, por tratar-se de uma música, pelo que acompanhei, com forte presença em tradições orais?*

Prof. Barry: A música é parte importante do patrimônio cultural de todos povos; mas encontramos aí também o problema do processo de descolonização. Há, de fato, duas sociedades, com duas velocidades que andam lado a lado. A sociedade que sempre existiu, com suas línguas, suas culturas, suas danças e a minoria formada pela colonização e que detém, ao mesmo tempo, o poder político e o poder intelectual no âmbito das relações entre a África e o resto do mundo.

Aqueles que falam francês são uma minoria. Nas independências, por razões de unidade nacional, procurou-se conservar o francês como língua oficial na administração e na educação e negligenciou-se o ensino das línguas africanas. Todo o problema vem dessa

ruptura com a língua falada pela maioria da população, por uma minoria que fala uma outra língua, uma língua estrangeira. Portanto, não se trata apenas de uma simbiose, mas o que é mais importante: ver que, através da música, quando os músicos começaram a tocar a música tradicional modernizada com o uso das línguas wolof, pulaar, diola, mandingue, eles não precisaram ir aprender na escola. Fazem, por isso, uma música que corresponde às necessidades da população, que interpreta as canções e compreende essa população.

Por essa razão, após imitarem a salsa, cantada em espanhol, como em Cuba, os músicos fizeram a revolução cultural, que consistia em cantar nas línguas nacionais, línguas africanas e, desde então, reencontraram sua autonomia de criação e não só conquistaram a população, como também o resto do mundo. Youssou N'Dour, Baaba Maal, Ismael Lô, todos podem hoje correr o mundo, expressar-se e ser apreciados, já que levam junto o que têm na sua alma, isto é, a quintessência de sua civilização, através de suas línguas, de suas culturas, de seus costumes. Acho que é somente nesse nível que eles são mais expressivos, que eles levam mais longe a África dos intelectuais, formada pela coligação dos que não têm condições de competir com outros intelectuais, que fazem uso da mesma língua e que nem sempre são lidos por sua própria gente.

Antonieta: São muito interessantes as argumentações que o Sr. trouxe, mas ainda gostaria de lhe perguntar um pouco mais, nesse contexto. Os músicos africanos, que estão ganhando o mundo com a sua arte, cantando em línguas de etnias do Senegal, suas músicas mantêm relações com contos e mitos que ainda estão vivos nas mentes dessas populações? Essa música aborda provérbios, crenças, ditos populares ou algo do gênero?

Prof. Barry: A música, as canções, são tiradas de um repertório extremamente rico, um repertório histórico, em que se fala, por exemplo, de Soundjata e da epopéia mandinga. Até hoje se canta essa gesta, como se fazia no século XII. Há também canções dedicadas a heróis da resistência colonial, como Samory, Lat Dior ou canções dedicadas aos atuais marabouts (chefes de seitas muçulmanas), que têm muitos discípulos. Na verdade, trata-se de um processo de criação contínua, que bebe na fonte do repertório do folclore, dos contos, da criação artística e que se adapta também às condições vigentes. Há pouco, todos os músicos reuniram-se para homenagear os Lions do Senegal, Seleção Nacional de Futebol, por ocasião da Copa do Mundo. É, portanto, uma criação contínua. Por essa razão, a meu ver, os artistas, pintores, músicos, dançarinos trazem uma luz, uma luminosidade muito maior do que a visão intelectual do historiador, que muitas vezes tem dificuldade para ter uma visão e falar com uma grande massa de população.

Entrevista realizada em setembro/2002 e aprovada em abril/2003

Notas

* Boubacar Barry é professor de História na Universidade Cheikh Anta Diop, em Dacar, Senegal. Desde 1972, com *Le royaume du Waalo*, Paris, Maspéro, tem publicado série de pesquisas a partir de tradições orais.

** Doutorandos do Programa de História da PUC-SP.

*** Professora Associada do Departamento de História das PUC-SP.